

Luciana Rosar Fornazari



“NÓS E AS OUTRAS” Interlocução do Feminismo na imprensa (1946-1955)

Luciana Rosar Fornazari¹

Resumo

Este artigo procura observar, através da imprensa escrita brasileira², em artigos e reportagens veiculados entre 1946 e 1955, alguns interlocutores, principalmente o feminismo, que tornaram o debate sobre as fronteiras sexuais mais intenso no decorrer da década de 50.

Palavras-Chave: Feminismo – Corpo – Gênero – Imprensa

Abstract

This article intends to observe, through the Brazilian written press, in articles between 1946 and 1955, some interlocutors, especially the feminism, that turned the debate about the sexual boundaries more intensive during the fifties.

Keywords: Feminism – Body – Gender – Press

Imagens de homens e de mulheres freqüentaram as páginas de revistas e jornais, contribuindo na constituição de sujeitos modernos. Buscando, entre 1946 e 1955, a historicidade da visibilidade dos corpos masculino e feminino, investigamos de que maneira estes foram se constituindo objetos de discussão e publicidade, que objetivavam a manutenção da fronteira entre os gêneros. É importante, no entanto, levar em consideração que esta imprensa é específica, passando a produzir notícias para um público que agora consome cultura⁴.

As maravilhas da modernidade, extrapolando as novas atitudes e hábitos, passaram a ser sonhadas e desejadas por um público cada vez maior, pois a

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Bernardete Ramos Flores.

² Revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* e os jornais locais *A Gazeta* e *O Estado*.

³ The magazines *O Cruzeiro* and *Manchete* and the local newspapers *A Gazeta* and *O Estado*.

⁴ Cf. HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 207.

imprensa, assim como o cinema, alcançava, nesta época, platéias e leitores plurais. No entanto, o “novo” não sedimentou o “velho”; de fato, as tensões vividas no cotidiano estavam marcadas por “valores tradicionais e modernos, numa dramaticidade não previamente definida, num dilema entre mudar e permanecer, e até que ponto”⁵.

Imagens, para além das fotografias publicadas, são constituídas a partir de valores pré-existentes na cultura, “*mesmo que em estado latente ou dormente*”⁶. Diversas interlocuções atuaram neste cenário, modificando determinados comportamentos e ratificando outros. A interlocução do feminismo do início do século se destaca, de maneira especial, através da imprensa escrita brasileira, tornando intenso o debate sobre as fronteiras sexuais no decorrer da década de 50.

Através da pesquisa de Carla Bassanezi⁷, é possível inferir acerca da normatização de condutas, especialmente femininas, encontradas nas colunas destinadas às mulheres e que se apresentavam como uma espécie de consultório sentimental. Tais matérias, assinadas ou não, de maneira geral remarcavam comportamentos, cristalizando experiências selecionadas enquanto “normais” e “aceitas”, ao mesmo tempo em que desqualificavam outras, enquanto “desviantes” e “levianas”. As revistas e jornais que circularam neste período dão conta destes “aconselhamentos” que reforçavam, principalmente, um retorno à feminilidade e à masculinidade, dando a impressão de um período onde os debates acerca das diferenças entre homens e mulheres retornaram a um mundo regrado e ordenado.

Partindo do ponto de vista publicado pelas revistas semanais, como O Cruzeiro e, posteriormente, Manchete, revistas estas destinadas ao público em geral e não necessariamente feminino, tal conjunto de regras acerca de atitudes e comportamentos encontrava-se em embate com contrapontos definidos; imagens de mulheres “levianas” ou “masculinizadas” - exemplos condenados que as mulheres, necessariamente, não deveriam seguir.

No entanto, tal discurso não é exclusivo da imprensa. O verticalizado discurso integralista dirigido de homens para mulheres também está atento ao risco de masculinização da mulher moderna do século XX. Porém, a imprensa é o local onde torna-se constante a sua referência - o discurso

⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 45.

⁶ Cf. FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “**Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada**” Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: HUCITEC, 1998, p. 19.

⁷ Cf. BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

constituía-se, muitas vezes, na construção do outro, no reforço positivado do contraponto. Os estereótipos e as “confusões” freqüentemente rotulavam determinado comportamento enquanto feminista e, portanto, transgressor, desviante, indesejado: “Moda é feminilidade. Não há moda que não procure realçar na mulher a própria mulher. E quando ela traz, por vêzes, a grosseira pretensão de masculinizar o nosso traje e as nossas maneiras, entra para o ridículo e se destrói a si mesma”⁸.

Embora o feminismo do início do século seja mais conhecido enquanto movimento de sufrágismo, entendemos que ele, mesmo timidamente, lançou bases e questões que, se não foram debatidas na época, tornaram-se um dos elementos a serem enfrentados por pessoas que pensavam nele enquanto um desarranjo social, onde as fronteiras sexuais perderiam a clareza na sociedade. No Brasil, na década de 20, a questão do voto, inclusive, não se mostrava única; os movimentos feministas, seja filantrópico, sufragista ou político, buscavam novos caminhos na superação das condições femininas do próprio cotidiano⁹.

O feminismo, debatido, execrado, defendido, tornou-se um interlocutor freqüente nas colunas e reportagens que opinavam sobre determinados comportamentos que fugissem às regras previamente estabelecidas. Um exemplo pode ser visto na matéria *Moral masculina e moral feminina*, onde o discurso feminista é apropriado pela articulista para evidenciar a normalização, sem demonstrar uma perspectiva de mudança dos papéis sexuais:

“O papel da mulher é muito grave neste período de transformação social. Senhora de prerrogativas com as quais suas avós jamais sonharam, tem a mulher de hoje a obrigação moral e o que deverá repelir em seu benefício da sociedade para que esta não se deturpe sob o falso rótulo de modernista.”¹⁰

É importante observar que o termo feminismo surge em determinada época, envolto em preocupações de determinadas mulheres. O feminismo emerge eclodindo fronteiras, primeiramente no universo europeu no século XIX, colocando abaixo todo um mundo que se imaginava controlado e regrado. Este é o momento onde a perspectiva de vida das mulheres se

⁸ **Nós somos parecidas** O Cruzeiro (Editorial de Edna Leite Gueiros) 07/05/1949, p. 03.

⁹ LEITE, Miriam L. Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda Moura** São Paulo: Ática, 1984.

¹⁰ **Moral masculina e moral feminina** O Cruzeiro 01/07/1950, p. 06.

altera, enquanto posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro, atuante política e futura cidadã¹¹ e, mesmo que as codificações da vida cotidiana tivessem perdurado, o campo de possibilidades se alarga para elas. E as revistas e jornais do pós-guerra são locais onde observamos estas eclosões, por vezes sonoras, por vezes silenciosas.

Uma minoria de mulheres, no século XIX, criou uma identidade pública por meio do feminismo, assumindo por sua conta a Declaração dos Direitos do Homem, defendido em causa própria. As lutas das sufragistas ecoam no reconhecimento do seu estatuto civil, anunciando uma nova identidade política, calcada na quebra do silêncio acerca de sua sexualidade, defendendo a construção de uma nova moral. Esta movimentação não ocorreu de maneira harmoniosa; hostilidades pulularam na Europa e nos Estados Unidos, locais onde se tornaram objeto de amplos debates públicos e alvo de lutas de diversos grupos políticos e sociais¹².

No início do século XX, em diversos países, passeatas feministas demonstram uma mobilização extremamente importante. As feministas francesas, na espera de alcançar a igualdade política, realizaram uma grande manifestação sufragista no dia 5 de julho de 1914. O movimento “União Francesa para o Sufrágio das Mulheres (UFSF)”, que contava com a adesão de 9000 pessoas, procurava conseguir a participação das mulheres francesas nas eleições municipais de 1916¹³. Segundo Françoise Thébaud, a movimentação feminista na Inglaterra era mais radical, pois contestava a “ideologia vitoriana das esferas separadas e da dupla moral sexual”¹⁴. No Brasil, em 1919, com relação ao voto feminino, houve uma mobilização expressiva de mulheres pertencentes às camadas médias e também às camadas dominantes¹⁵. Neste período, as reivindicações das feministas “produziram um programa afirmativo de ação quanto aos direitos das mulheres à educação, baseado em motivos que em geral visavam ao bem comum”¹⁶.

Com a Primeira Guerra Mundial, a mobilização foi deixada de lado para atender a chamada da Pátria e, com esta chamada, todo um investimento foi

¹¹ FRAISER, Geneviève & PERROT, Michelle. Introdução: Ordens e Liberdades. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir) *História das Mulheres no Ocidente – o século XIX* Porto: Afrontamentos. São Paulo: Ebradil, 1994, p. 09.

¹² KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas Feministas. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir) *História das Mulheres no Ocidente – o século XIX*. Porto: Afrontamentos; São Paulo: Ebradil, 1994, p. 541.

¹³ THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra – O Triunfo da Divisão Sexual. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente – O Século XX*. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995, p. 35.

¹⁴ Idem, p. 35.

¹⁵ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do Feminismo no Brasil* São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 43.

¹⁶ SARLO, Beatriz. Mulheres, História e Ideologia. In: *Paisagens Imaginárias* São Paulo: Edusp, 1997, p. 174.

sendo processado, recolocado e re-significando as fronteiras sexuais de comportamentos e atitudes masculinas e femininas. Neste sentido, a atuação de grupos feministas no esforço de guerra foi sendo constituída em determinadas relações: interessante na força de argumentação com relação às demais mulheres, porém perigosa na medida em que trazia novas possibilidades de visibilidade às mulheres que partiram para o mercado de trabalho, substituindo os homens. A existência de grupos como WAAC (WAAC women) perturbava a *“economia psico-sexual da guerra – combate viril pela protecção das mulheres e das crianças”*, causando confusões nas identidades femininas e masculinas. “Mais do que qualquer outra trabalhadora da guerra, elas personificam o medo da ‘masculinização’ das mulheres, tão característico da época.¹⁷”

Na década de 20, este medo também estava presente no Brasil. Segundo Miriam Moreira Leite, a temática anti-feminista tomava a forma de anedotas, sketches do teatro de revista, ou, ainda, em desenhos, os quais permitem “verificar o nível de preconceitos raciais, classistas e sexistas que atuaram aliados ao anti-sufragismo, atribuindo às feministas traços de homens ou acentuando suas condições de fragilidade, paixão, incapacidade de raciocínio e decisão, o gosto da palavra inútil, etc”¹⁸.

Durante a guerra, toda uma produção literária foi contribuindo para a construção deste estereótipo, que articula a emancipação feminista com a masculinização. Assim, no sentido de garantir os atributos ditos femininos, houve uma multiplicação de metáforas que reforçavam traços de feminilidade tais como dedicação, graça, minúcia, principalmente quando o trabalho ou vestuário eram masculinos.

Constituída enquanto “atitude moderna” ou “masculinizadora”, a experiência daquelas mulheres, apreendida por estereótipos ou não, conduziu parte das reportagens, demonstrando uma movimentação para além da normatização de condutas. Se existia uma demanda de aflições com relação ao comportamento entre os gêneros, existia todo um aparelho de discursos que serviam de negação a determinadas atitudes.

Desta forma, o que questionamos neste momento é a intensificação da constituição de uma imagem específica do movimento; imagem que parte, inclusive, de esferas conceituadas enquanto intelectuais. Margareth Rago nos lembra que, no início do século, Oswald de Andrade ridicularizava as sufragetes “como figuras que o assustavam e espantavam profundamente aos ‘rapazes’

¹⁷ THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra. Op. Cit., p. 44.

¹⁸ LEITE, Miriam L. Moreira. *Outra Face do feminismo: Maria Lacerda Moura* São Paulo: Ática, 1984, p. 36.

do Pasquim¹⁹. Na década de 50, tal imagem constituída teve um reforço através da imprensa, reafirmando-se características ditas femininas, predominantes nos aconselhamentos das colunas destinadas às mulheres, em oposição às feministas que fumavam e vestiam-se com calças masculinas.

Em 1952, em artigo publicado no jornal O Estado - sugestivamente intitulado “Feminismos...” - o autor, Manuel Ferreira de Melo, reflete sobre o feminismo caracterizando-o, mais do que por suas teorias, enquanto desuso de hábitos rotineiros: “nas nossas vias públicas, de vez em vez, não aparecem moçoilas perfeitamente ‘a la home’...? E, nas praias? Nem é bom falar... Dir-se-á – são exceções; mas servem para dar um índice curioso do movimento feminista em nossa capital”²⁰. Observamos aqui que a questão passa, acima de tudo, pela masculinização e não pelo prisma de reivindicações por direitos civis.

No entanto, para outros, a questão não se reduz a mudanças na indumentária que poderiam provocar o risco de confusões de gênero. Na coluna “Cantinho Feminino”, do jornal A Gazeta, a articulista Eneida dá conta do movimento feminista enquanto um movimento sufragista de visibilidade específica, marcada pelo “o uso das calças masculinas, cabelos cortados bem curtos, o uso do fumo e muitos outros aspectos”, assim como pela “vontade de luta das mulheres para romper cadeias e preconceitos, e vir à rua exigir seus direitos inclusive um maior: o de participação na vida politico-social do país”²¹. Temos observado que a interlocução do feminismo, que se mostrou presente na imprensa do segundo pós-guerra, é, deste modo, relacional, uma questão de direitos civis para alguns e, para outros, uma questão de substituir os homens por conta da masculinização.

Assim, a perda da feminilidade estava em foco. Segundo a historiadora Carla Bassanezi, este era um dos riscos possíveis com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Ela afirma que as revistas femininas, na década de 50, mostraram-se preocupadas com esta questão, aconselhando e apelando “para que as mulheres que exerciam atividades fora do lar não descuidassem da aparência ou da reputação pessoal e soubessem manter-se femininas”²². No conselho de Maria Teresa, pontuamos, no ano de 1950, a presença do conformismo para com a figura da esposa: “Uma mulher que se casa precisa,

¹⁹ RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós)modernidade no Brasil In: **Cadernos AEL – Mulher, História e Feminismo** n.3/4, 1995/1996, p. 11.

²⁰ **Feminismos...** O Estado nº 11.503, 21/09/1952, p. 07.

²¹ **O Dia Internacional da Mulher** A Gazeta nº 3547, 14/03/1948, p. 07.

²² BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil** São Paulo: Contexto, 1997, p. 625.

antes de tudo, ter noção de responsabilidade que assume perante o homem que a escolheu, a família que vai constituir, a sociedade, Deus.²³

No entanto, tais preocupações não se reduzem ao universo da imprensa. Pessoas públicas, como o integralista Plínio Salgado, discorriam sobre a manutenção da rainha do lar no ambiente familiar. Para ele,

“o serviço das mulheres nas fábricas, nos escritórios ou no comércio deve, evidentemente, ser permitido, desde que constitua o escudo que as preserva da miséria material e moral, e não um meio para perdê-las. Entretanto, precisamos sempre considerar o afastamento da mulher do lar, como evidente anormalidade biológica, pois partindo do fundamento da diferenciação física e do desenvolvimento dos filhos depois de nascidos, (...) temos de convir que a missão da mulher é, acima de tudo, a missão educativa da criança e disciplinadora da casa (...).²⁴”

Se por um lado temos a reafirmação de arquétipos femininos, por outro temos o crescimento da demanda do trabalho feminino, principalmente nas grandes cidades. Para este público específico, a articulista Emily Prost sugere determinados detalhes com relação ao comportamento e à indumentária adequada para a mulher que trabalha:

“Não chega a ser necessário sacrificar a beleza do traje a um ponto de simplicidade que imite uma montaria, mas quanto menos interfira com a calma dos seus nervos, tanto melhor. Use também roupas que a protejam. Pouca roupa pode ter muito atrativo em uma revista musicada, mas os patrões não procuram, nem querem encontrar essa ‘atração’ no seu escritório.²⁵”

A constituição da mulher moderna passa também pela constituição, no âmbito do trabalho, de novas funções destinadas às mulheres, buscando manter, principalmente, os traços de feminilidade. Genolino Amado, na revista *O Cruzeiro*, propõe, inclusive, a “aeromoça” enquanto “símbolo da Nova Mulher”, parte de uma nova vida moderna em 1950. É o que observamos na reportagem opinativa, “O Dia da Aeromoça”, onde a mulher descrita no

²³ **O papel da esposa** *O Cruzeiro* 22/07/1950, p. 124.

²⁴ SALGADO, Plínio. **A Mulher no Século XX**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947, p. 94.

²⁵ **A mulher que trabalha** *O Cruzeiro* 18/06/49, p. 82.

ambiente de trabalho é aquela que distrai, doa, diverte e sossega os passageiros. Ela é a “presença recreativa nas viagens monótonas, a doadora do café quente para o frio dos mêdos inconfessados, a que diverte a criança aborrecida, a que sossega a dama nervosa, a que entra na cabina dos pilotos e de lá ainda volta rindo mesmo quando já se perde o rumo na tempestade”²⁶. Neste momento, permanecer no ato de cuidar de passageiros, e não tão somente da família, demonstra-nos deslocamentos operacionais, mas não funcionais. Segundo Joan C. Tronto, cuidar implica uma capacidade de atentar para o outro, sendo uma atividade regida pelo gênero, tanto no espaço público como na vida familiar²⁷. Assim, os trabalhos ditos “femininos”, como o serviço de aeromoças, ganham espaço e aceitação na medida em que reforçam, às mulheres, arquétipos tradicionais como o ato de “cuidar de”.

Como observamos, o estar e o sentir novas formas de trabalho trouxeram diversas experiências e sensações; constituíram, como observamos, outras regras, abrindo espaço para condutas ainda limitadas à feminilidade neste período específico.

O debate entre a manutenção da feminilidade e as “ousadias” da modernidade surgiam através de reportagens, notícias e mesmo conselhos expostos nas colunas especificamente femininas. Dentro do processo de modernização que alcançava um número cada vez maior de pessoas, as tecnologias inovavam o cotidiano, criando e recodificando atitudes e hábitos, antes impensados. A modernidade é, principalmente, “a conquista de uma posição de sujeito, de indivíduo de corpo inteiro e de cidadã, a conquista de uma autonomia econômica, jurídica e simbólica relativamente aos pais e aos maridos”²⁸.

No dia 28 de outubro de 1950, Elza Marzullo, em sua coluna “Elegância e Beleza”, dá publicidade a uma enquete acerca do uso de roupas masculinas pelas mulheres, que assim se vestiam especificamente em um clube noturno de Paris. Segundo a enquete da revista francesa, a manutenção das fronteiras entre os gêneros é reforçada. Elza Marzullo, embora não teça comentários, destacou da enquete algumas respostas. Chamou-nos atenção a resposta de um jornalista alegre que, segundo a revista, gozava de uma reputação repleta de conquistas amorosas. As colocações desse jornalista causou surpresa, contrariando a expectativa da apologia à liberdade feminina através do uso das calças:

²⁶ **O Dia da Aeromoça** O Cruzeiro 01/07/1950, p. 06.

²⁷ TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: BORDO, S. R. e JAGGAR, A. M. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 189.

²⁸ THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente – O século XX**. Porto Edições Afrontamentos: São Paulo: Ebradil, 1995, v. 5, p. 16.

“Uma noite destas eu passeava pelo parque X. Era a hora do crepúsculo. Passavam por mim casais ternamente enlaçados. De repente tive um sobressalto: junto a um bosque vi dois jovens que se mantinham estreitamente abraçados. Murmuravam algumas palavras e cobri-los de insolências, quando um dêles se voltou e mostrou um lindo rosto de mulher. Uma mulher de calças compridas... Que as leitoras que usam traje masculino me perdoem essa resposta desfavorável às suas preferências, limitei-me a dar uma resposta sincera.²⁹”

No entanto, o uso das calças pelas mulheres nem sempre era visto neste sentido. A indústria da moda passou a desenvolver modelos femininos para cada ocasião. A moda produzida nesse período encontra-se perfeitamente inserida na criação de necessidades arroladas e difundidas pelos meios de comunicação. Observamos que ela era o mote de um dos grandes debates que modificavam rapidamente os costumes dos leitores, ávidos por novidades. Na segunda metade do século XX, a moda já não era mais fator de distinção social, pois, a partir da segunda guerra mundial, as roupas produzidas em massa se transformaram em padrão para todos, independente da posição na sociedade - diferente dos anos 20 e 30, quando, em muitas regiões da Europa, dos Estados Unidos, assim como no Brasil, somente os ricos poderiam vestir roupas elegantes³⁰. Dessa forma, em determinados e específicos momentos, o uso das calças compridas não provocava tais confusões:

“Admito, é claro, que no campo, quando faz frio, ou quando quer dar uma volta de bicicleta, especialmente se está ventando, uma mulher use calças de homem. É mais do que justo, pois se trata de uma infração ocasional, ditada pelas circunstâncias. Mas acho que exagera quando, no verão, uma jovem se veste de homem. Perde tôda a sua graça, a sua espontaneidade, adquirindo um ar artificial, afetado, extravagante. Êste tipo de mulher não pode agradar a um homem.³¹”

Na fala deste espectador, que olha com desaprovação a indistinção dos

²⁹ Uma “Enquête” atualíssima... O Cruzeiro 28/10/1950, p. 125.

³⁰ WILSON, Elizabeth. *Enfeitada de Sonhos* Lisboa: Ed. 70, 1985, p. 121.

³¹ Uma “Enquête” atualíssima... O Cruzeiro, 28/10/1950, p. 125.

gêneros através da indumentária, observamos que tais preocupações estão mexendo com critérios de comportamento, ou seja, a maneira de se vestir e de se portar perante a sociedade marca, e ao mesmo tempo acentua, os limites possíveis do corpo feminino e masculino.

Tais questões tiveram, como observamos, espaço público de discussão. A presença das reivindicações feministas - como a questão do uso, ou não, de peças masculinas - estiveram no centro do debate acerca da manutenção dos gêneros. A presença visível da circularidade de tais discursos não se reduzia a grandes centros como o Rio de Janeiro. A publicidade sobre o feminismo aparece de diversas formas, assim como também é apreendida de maneiras diferentes e, neste sentido, é relevante lembrar da autonomia da prática de ler proposta por Chartier⁷².

Entrecortadas por novidades, as leituras destinadas às mulheres buscavam, acima de tudo, a manutenção das fronteiras entre os gêneros, seja no âmbito familiar como no âmbito público. Nesta linha de raciocínio, o feminismo do início do século é citado, muitas vezes, enquanto contraponto “Nós e as Outras”⁷³, dentre outros exemplos de comportamentos que também se mostrariam “indesejáveis” para a “nova” e “moderna” mulher.

Folheando as páginas, deitando olhares múltiplos sobre os discursos produzidos e reproduzidos na imprensa escrita brasileira do segundo pós-guerra, percebemos ambigüidades que se constituíam no “fazer-se” cotidiano das leituras femininas. Ambigüidades que não se reduzem a disputas dicotômicas, pois apontam para a possibilidade de outras temporalidades, desafiando “a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência”⁷⁴.

Ao problematizar os debates sobre o feminismo, podemos perceber de que maneira são constituídos os gêneros, não como algo amortecido, mas como uma referência de mutabilidade no qual, desapercivelmente, estamos envolvidos, pois “vários discursos críticos contemporâneos podem ser reunidos para produzir uma compreensão do papel sutil e muitas vezes inconsciente, desempenhado por nossos corpos na simbolização e reprodução do gênero”⁷⁵.

Para além dos pares ‘opostos’, é necessário não esquecer que é de sujeitos que estamos falando.

⁷² A prática de leitura é um ato de autonomia que inventa significados e conteúdos que não se reduzem às intenções dos autores ou das editoras de livros. CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural* São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 214.

⁷³ O título é inspirado em “Nós e os Outros” - título de um dos capítulos de Miriam Moreira Leite sobre Maria Lacerda Moura, feminista brasileira do início do século XX.

⁷⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. Cit., p. 28.

⁷⁵ BORDO, Susan R. O Corpo e a Reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M. & BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 22.